

Mecanismos funcionais e variação linguística no português clássico: artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo na Peregrinação

Functional mechanisms and linguistic variation
in classical Portuguese: definite article in noun
phrases with anthroponym in the *Peregrinação*

César Nardelli Cambraia¹ 
nardelli@ufmg.br

¹Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Este estudo teve como objetivo analisar o comportamento linguístico do artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo na *Peregrinação*, obra escrita no terceiro quarto do séc. XVI por Fernão Mendes Pinto. A análise se baseou no modelo tipológico-funcional givóniano e na sociolinguística variacionista laboviana. Foram testadas dezesseis variáveis linguísticas, das quais apenas onze se mostraram estatisticamente relevantes nos casos de variação: tradição do antropônimo, tipo de antropônimo, indicador de posição/função social, forma de tratamento, adjetivo, possessivo, qualificador, construção apresentativa, função sintática, coordenação e menção. Interpretou-se que a variação linguística relativa à presença de artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo na *Peregrinação* decorre de uma competição entre diferentes pressões funcionais.

Editores-chefes
Marcus Dores
Célia Lopes

Recebido: 10/09/2024
Aceito: 18/11/2024

Como citar:
CAMBRAIA, César Nardelli. Mecanismos funcionais e variação linguística no português clássico: artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo na *Peregrinação*. Revista LaborHistórico, v.11, n.2, e65522, 2025. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v11i2.65522>

Palavras-chave

Funcionalismo. Variação Linguística. Linguística Histórica. Artigo Definido. Antropônimos.

Abstract

This study aimed to analyze the linguistic behavior of definite article in noun phrases with anthroponym in *Peregrinação*, a work written in the third quarter of the 16th century by Fernão Mendes Pinto. The analysis was based on the Givónian typological-functional model and Labovian variationist sociolinguistics. Sixteen linguistic variables were tested, of which only eleven were statistically relevant in the cases of variation: anthroponym tradition, anthroponym type, indicator of social position/function, form of address, adjective, possessive, qualifier, presentational construction, syntactic function, coordination and mention. It was interpreted that the linguistic variation related to the presence of a definite article in noun phrases with anthroponym in *Peregrinação* results from a competition between different functional pressures.

Keywords

Functionalism. Linguistic Variation. Historical Linguistics. Definite article. Anthroponyms.

1. Introdução²

Artigos definidos, embora presentes em muitas línguas do mundo, não são uma categoria linguística universal. Exemplo disso era a língua latina, que não o possuía, ao contrário das línguas dela derivadas, as línguas românicas, as quais, todas, o possuem. Esse caso evidencia que o artigo definido foi uma inovação no processo de diferenciação do latim em seus rebentos. Como em todo processo de mudança linguística, a implementação do artigo definido como parte da gramática se deu de forma gradual, de forma que, ao longo da história das línguas românicas, se constatam estágios diferentes de implementação dessa inovação. Considerando especificamente a história da língua portuguesa, verifica-se que a expansão do emprego de artigo definido se encontrava, no séc. XVI, em um estado intermediário: em uma fase anterior, seus contextos de uso eram mais restritos; e em uma fase posterior se

² Este estudo faz parte dos resultados do projeto “Para uma gramática do português clássico: o sintagma nominal e suas funções na *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto [Fase I]”, Produtividade em Pesquisa, CNPq, 2021-2024. Uma versão preliminar do presente estudo foi apresentada no VII Simpósio Internacional de Funcionalismo Linguístico, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, entre 4 e 6 de setembro de 2024.

tornaram mais amplos. Tal é o que acontece com o uso de artigos definidos em sintagmas nominais com antropônimo: menos comum na fase arcaica e mais comum na fase contemporânea. Mas como se deu esse processo de expansão dos usos? Examinar o comportamento linguístico do artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo em um testemunho da língua portuguesa na sua fase clássica, estágio intermediário entre o arcaico e o contemporâneo, oferece uma janela para compreender esse processo de mudança.

No presente estudo, apresenta-se uma análise linguística do comportamento do artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo na obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (*ca.* 1510-1583), publicada pela primeira vez apenas em 1614, mas redigida no terceiro quarto do séc. XVI. Esta análise contempla em especial a complexa relação entre mecanismos funcionais da língua para codificar informações e a variação linguística, que é inerente a qualquer processo de mudança.

2. Função e variação dos artigos definidos na língua portuguesa

Segundo Cunha e Cintra (1985, p. 199), o artigo definido é uma palavra que se antepõe ao substantivo “quando se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja por ter sido mencionado antes, seja por ser objeto de um conhecimento de experiência”. Para Cunha e Cintra (1985, p. 204), haveria uma graduação em termos de precisão expressa por determinantes, com a seguinte ordem: *artigo indefinido* (indica a espécie do substantivo) > *artigo definido* (restringe a extensão do significado do substantivo) > *pronome demonstrativo* (limita mais o sentido do substantivo através de sua situação no espaço e no tempo).

Especificamente no que se refere aos nomes próprios, Cunha e Cintra (1985, p. 216) afirmam que estes, como são por definição individualizantes, deveriam dispensar o artigo definido. No entanto, os estudiosos fazem uma ressalva:

Mas, no curso da história da língua, *razões diversas concorreram* para que esta norma lógica nem sempre fosse observada e, hoje, há mesmo um grande número de nomes próprios que exigem obrigatoriamente o acompanhamento do artigo definido. (Cunha; Cintra, 1985, p. 216, itálicos nossos)

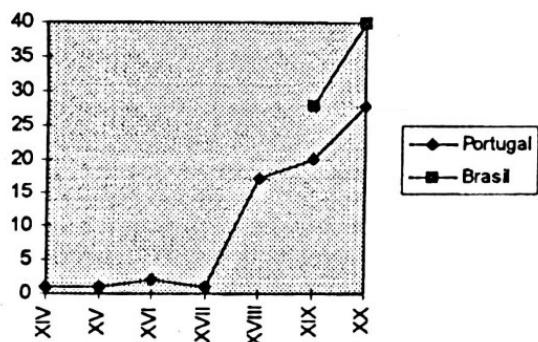
Especificamente em relação a nomes de pessoas, Cunha e Cintra (1985, p. 217-219) informam que não são acompanhados de artigo definido quando se referem a pessoas muito conhecidas (p. ex., “Camões”), mas este é empregado nas seguintes situações:

- a)** quando o nome de pessoa vem antecedido de qualificativo (p. ex., “o romântico Alencar”);
- b)** quando o nome de pessoa vem acompanhado de determinativo ou qualificativo de um aspecto, de uma época, de uma circunstância da vida do indivíduo (p. ex., “o Daniel de outrora”);
- c)** quando se pretende atribuir ao nome próprio um sentido depreciativo (p. ex., “o Carlos”, referindo-se ao Rei D. Carlos I); e
- d)** quando o nome de pessoa vem enunciado no plural:
 - para indicar indivíduos do mesmo nome (p. ex., “os três Horácios”),
 - para designar coletividade familiar (p. ex., “os Andradadas”),
 - para caracterizar enfaticamente classes ou tipos de indivíduos, que se assemelham a um vulto ou personagem célebre (p. ex., “os Cipóes”); e
 - para designar obras de um artista (p. ex., “os Goyas”).

Acrescentam ainda alguns casos específicos:

- a)** anteposição de artigo definido a nome de batismo de pessoas para dar um tom de afetividade ou de familiaridade (p. ex., “o Geraldo”);
- b)** anteposição de artigo definido geralmente a alcunhas (p. ex., “o Palhaça”);
- c)** anteposição de artigo definido à palavra *senhor(a)* citando a pessoa (p. ex., “o senhor Fontes”), mas não se dirigindo à pessoa (p. ex., “Como vai, senhor Fontes”);
- d)** ausência de artigo definido antes da palavra *santo(a)* quando acompanha o nome próprio (p. ex., “Santa Clara”), exceto quando se refere a época de festa (p. ex., “desde o Santo Antônio”).

Callou e Silva (1997), com base em uma análise de textos escritos em língua portuguesa dos sécs. XIV a XX (diferenciando as variedades europeia e brasileira nos sécs. XIX e XX, mas sem arrolar a lista com todos os textos que fizeram parte desse *corpus*), apuraram que o artigo definido diante de antropônimos era raro até o séc. XVII, mas se tornou frequente a partir do séc. XVIII, sendo mais comum na variedade brasileira do que na europeia, como se vê no gráfico a seguir:

Figura 1: Frequência de uso do artigo diante de antropônimos (%)

Fonte: Adaptado de Callou e Silva (1997, p. 14).

Em seu estudo, Callou e Silva (1997) constataram a primeira ocorrência de artigo definido contiguamente diante de antropônimo já nos *Diálogos de São Gregório*, do séc. XIV, em palavra dissilábica, paroxítona e na função de sujeito. Embora as pesquisadoras não tenham apresentado essa ocorrência em seu trabalho, aparentemente se trataria da seguinte³, em variação com a que a precedia, sem o artigo:

(01) Non he este aquel Stevan porque eu mandei, mais [*Stevan ferreiro que mora cabo del*]. E logo [*o Stevan ferreiro que morava a cabo del*] morreó em aquela hora e a alma daquel Stevan que era homen nobre tornou ao corpo. (Mattos e Silva, 1971, v. 2, p. 210)⁴

Costa (2002) examinou a presença de artigo definido diante de nomes próprios de pessoas (ou seja, antropônimos) nos sécs. XIII a XVI, a partir do seguinte *corpus*: documentos notariais dos sécs. XIII a fins do séc. XV; a *Crônica de D. Pedro*, de Fernão Lopes, da 1^a met. do séc. XV; e o *Diálogo da Viçiosa Vergonha* (= DVV) e o *Diálogo em Louvor de Nossa Linguagem* (= DLNL), de João de Barros, publicados na 1^a met. do séc. XVI. Apurou que: (a) só houve dois casos de artigo definido contiguamente diante de antropônimo no período considerado, o que foi explicado com referência à ideia de que se trata de estrutura própria de linguagem oral e o *corpus* é de língua escrita; (b) as primeiras ocorrências se deram apenas no final do período arcaico (em DVV e DLNL); e (c) ocorreram sempre na função sintática de sujeito. Uma primeira ocorrência no DVV não foi computada por ter considerado que se trata de referência a membros de família (ou seja, patronímico) com “os Zebedeos”:

³ Uma análise dos demais casos de sintagma nominal com artigo definido e antropônimo nos *Diálogos de São Gregório* evidenciou que as pesquisadoras computaram apenas casos em que houvesse contiguidade entre essas duas categorias.

⁴ Todos os itálicos nos exemplos ao longo deste texto são nossos.

- (02) E se for parente o que uię com tál requerimento como a mádre d[os *Zebedeos*]: responde ... (Barros, 1540a, f. 28v)

Duas outras o foram, sendo a do DVV interpretada como com conotação de nome comum com “a Madalena” exprimindo a figura de pecadora arrependida (cf. Mateus, 26:6-13) e a do DLNL como forma de destacar Vergílio de Ouidio e Petrárcha:

- (03) Este perdam, conseguiu elrey Ezechias, e Dauid, e [*a Madalena*] em casa de Symam lepróso ... (Barros, 1540a, f. 3v)

- (04) Peró cō aquella maiestáde e alteza, fálou no quárto de sua AENEIDA tam áltā e mimósamente do amor, que lhe nam chegárā as guarrediçes de Ouidio, e as doçuras de Petrárcha, que nestes brincos muito se esmarará. Foy [*o Vergilio*] naquelle seu liuro, como nestes nossos tempos o Queguem em a cōpostura da musica... (Barros, 1540b, f. 55r)

Considerando o português brasileiro contemporâneo, Callou e Silva (1997) apresentaram uma análise de dados referentes a cinco capitais do Brasil, extraídos do Projeto NURC (Norma Urbana Culta) cujas entrevistas foram realizadas na década de 1970 (PR = peso relativo):

Tabela 1: Realização do artigo diante de antropônimos de acordo com a origem geográfica

	Recife	Salvador	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
Freq.	12/71	10/24	27/85	20/23	50/63
%	17	32	43	87	79
PR	0.20	0.30	0.52	0.88	0.81

Fonte: Adaptado de Callou e Silva (1997, p. 22).

As pesquisadoras interpretaram que “é justamente onde há maior conservadorismo linguístico que é mais baixa a realização do artigo”, confirmando a idéia de que “quanto mais antiga a colonização, menor o percentual de uso do artigo” (Callou; Silva, 1997, p. 22).

Outras variáveis independentes em relação à questão da presença de artigo definido diante de antropônimo foram analisadas: (a) *presença de preposição*, (b) *função sintática*, (c) *grau de familiaridade* e (d) *prosódia* (pausa, dimensão do vocábulo, natureza da sílaba e extensão do pé). Os resultados foram (entre parênteses, se informa o peso relativo): (a) preposição que contrai (*em, de, a, para*) favorece (0.77); (b) há uma graduação de favorecimento para desfavorecimento em relação às funções de adjunto adverbial (0.98), tópico (0.95), sujeito (0.61), predicativo (0.47), objeto direto (0.41), objeto indireto (0.35), genitivo (0.34), sem função definida (0.28), aposto (0.12) e

vocativo (sem ocorrência); (c) há diferença entre pessoa com intimidade do falante (0.67) frente a nome público (0.23) e sem referência quanto ao grau de intimidade (0.26); e (d) há também diferença em relação à prosódia, levando em conta duas sílabas com primeira tônica (0.77), duas sílabas com primeira átona (0.70), três ou mais sílabas com primeira átona (0.46) e três ou mais sílabas com primeira tônica (0.15). Considerando o comportamento diferenciado por região e em função da prosódia, as pesquisadoras aventaram a hipótese de “essa distribuição regional poder apoiar-se na diferença de ritmo entre a fala do norte/nordeste e sul/sudeste do país”, havendo assim “uma explicação que vai além do fenômeno da definitude” (Callou; Silva, 1997, p. 25).

Muitos outros foram realizados levando em conta a questão do artigo definido diante de antropônimo no português do Brasil, por isso não é possível apresentar aqui uma síntese dos resultados de cada um deles. Entretanto, há dois que são especialmente relevantes em função de sua abordagem geolinguística conjugada com análise de diferentes variáveis intra- e extralinguísticas.

Amaral (2003) analisou a variação na presença ou ausência de artigo definido diante de antropônimo em três cidades mineiras: Paracatu (no noroeste), Minas Novas (no nordeste) e Campanha (no sul). Os dados foram analisados levando em conta os fatores *idade do informante* (18-30 ou +50), *nível de escolaridade do informante* (analfabeto/nível primário e nível secundário/universitário), *grau de intimidade do informante com a pessoa mencionada* (pessoa do meio social do informante; famosa ou de prestígio na região; e nacionalmente famosa), *ausência ou presença de título* (formalidade, parentesco, profissão, cargo religioso, cargo político ou título de nobreza), *posição do antropônimo no turno conversacional* (início ou fora do início), *estrutura genitiva e item de enumeração*. Para Paracatu, foram selecionados como fatores favorecedores da presença do artigo idade 18-30 (0.62), nível secundário/universitário (0.63) e posição não inicial de turno conversacional (0.57); para Minas Novas, idade 18-30 (0.61) e pessoa famosa/de prestígio na região (0.61) e nacionalmente famosa (0.62); e para Campanha, posição não inicial de turno conversacional (0.58) e pessoa do meio social (0.58) e famosa/de prestígio na região (0.59). Considerando complementarmente outros trabalhos relativos a Minas Gerais, Amaral (2003) sintetiza que a presença de artigo definido diante de antropônimo apresenta a seguinte distribuição: Paracatu, 47%; Minas Novas, 38%; Belo Horizonte, 61,5%; Barra Longa, 21,6%; e Campanha, 75%. Como base em todos os resultados obtidos, Amaral (2003, p. 118) interpreta que “com respeito ao fenômeno em questão, a ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos, existe de fato uma variação diatópica em Minas”.

Moraes e Lima (2021) analisaram a variação na presença ou ausência de artigo definido diante de antropônimo nas capitais do norte e do nordeste do Brasil. Seguindo o modelo variacionista laboviano, investigaram o fenômeno a partir de um *corpus* extraídos dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), levando em

conta variáveis independentes intra- e extralinguísticas. As dez variáveis intralinguísticas foram: (a) *estrutura do SN* (preposicionada ou não); (b) *função sintática*; (c) *tipo de antropônimo* (nome completo, prenome, sobrenome, agnome, apelido/alcunha, hipocorístico, nome artístico e/ou de palco ou nome fictício); (d) *item de enumeração* (em enumeração ou não); (e) *título/qualificativo* (presente ou não); (g) *gênero* (masculino ou feminino); (f) *circunstância da citação* (primeira vez ou já citado); (g) *estrutura genitiva* (em estrutura genitiva ou não); (h) *posição em relação ao verbo* (antes ou depois); (i) *tipo de preposição* (*a, de, em, para, por, com ou sobre*); e (j) *estilo* (questionário ou discurso). As sete variáveis extralinguísticas foram: (a) *intimidade do falante em relação à pessoa mencionada* (com intimidade [pessoa do meio social do falante] ou sem intimidade [pessoa pública da região do falante ou pessoa famosa nacionalmente]); (b) *sexo do informante* (masculino ou feminino); (c) *faixa etária* (18-30 ou 50-65); (d) *escolaridade* (fundamental ou universitário); (e) *tempo de formação da capital* (sécs. XVI-XVII ou XVIII-XX); (f) *região* (norte ou nordeste); e (g) *capital* (15 capitais das regiões norte e nordeste). Foram excluídos da análise os dados com antropônimo em contexto de restrição (com comportamento categórico): (a) *uso não referencial*; (b) *função vocativa*; (c) *estrutura denominativa*; (d) *uso metonímico*; (e) *precedido de demonstrativo*; (f) *patronímico*; (g) *topônimo*; e (h) *estrutura preposicionada com a ou para*. Constatou-se uma frequência de 73% de presença de artigo na região norte e 33,5% na região nordeste, indicando assim um comportamento contrário entre as regiões analisadas. O processamento dos dados no programa GoldVarbX (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) demonstrou que a presença de artigo diante de antropônimo é favorecida: (a) na região norte, quando o antropônimo está em estrutura genitiva (PR 0.96); é hipocorístico (PR 0.77); está nas funções de objeto direto (PR 0.66), indireto (PR 0.62), tópico (PR 0.59) e sujeito (PR 0.55); não é item de enumeração (PR 0.54); e há intimidade do falante em relação à pessoa mencionada (PR 0.53); e (b) na região nordeste, quando o antropônimo está em estrutura preposicionada (PR 0.65); é item de enumeração (PR 0.69); foi citado anteriormente (PR 0.60); foi empregado por pessoa com ensino fundamental (PR 0.62); e há intimidade do falante em relação à pessoa mencionada. A atuação de certos fatores segue o esperado levando em conta a função do artigo de marcar que o referente é conhecido, como no caso de sua presença em casos de intimidade do falante em relação à pessoa mencionada, mas um resultado divergente é que, em relação à variável ser item de enumeração, o comportamento das duas regiões é oposto: esse contexto desfavorece a presença do artigo na região norte, mas favorece no nordeste. No que se refere às capitais, o comportamento é diferenciado, mas compatível com o da região respectiva, exceto no caso de Fortaleza e Maceió, com mais presença de artigo do que o esperado. Considerando as categorias de colonização antiga e recente, verificou-se presença menor nas capitais de colonização antiga, o que seria um traço conservador dessas cidades.

A discussão sobre o emprego de artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo na *Peregrinação* em associação com seu emprego em variedades brasileiras é de grande relevância, uma vez que uma das linhas de debate sobre a diversidade linguística no português do Brasil se baseia exatamente no postulado de conservação no Brasil de padrões linguísticos de épocas pretéritas, como abordado por Cunha (1985), que considerava um forte vínculo entre o português brasileiro e o português clássico⁵. Justamente por isso, uma descrição minuciosa dos padrões linguísticos da *Peregrinação* contribui para lançar luz sobre a diversificação dialetal do português de forma geral.

3. Fundamentação teórica e hipótese de trabalho

O presente estudo se ancora no modelo tipológico-funcional givóniano e na sociolinguística variacionista laboviana.

Segundo Neves (1997, p. 15), o funcionalismo consiste em uma teoria da organização gramatical das línguas naturais encaixada em uma teoria global da interação social, a qual interpreta que a gramática se sujeita a pressões do uso. Caracterizam essa teoria os seguintes pressupostos: (a) a língua é definida como instrumento de interação social; (b) a principal função da língua é a comunicação; (c) o correlato psicológico da língua é a competência comunicada, entendida como a habilidade de interagir socialmente por meio da língua; (d) o sistema linguístico deve ser analisado com base no seu uso; (e) a descrição linguística deve apresentar dados para dar conta de seu funcionamento num dado contexto; (f) a aquisição da linguagem é feita com a ajuda de um *input* extenso e estruturado de dados apresentados no contexto natural; (g) os universais linguísticos são explicados com base em restrições comunicativas, biológicas/psicológicas e contextuais; e (h) a pragmática é prioritária, aspecto dentro do qual a semântica e sintaxe são consideradas (Neves, 1997, p. 46).

O modelo tipológico-funcional de Givón (2001) é de grande interesse para os estudos de variação e mudança linguística pelo fato de integrar uma orientação *funcionalista*, com ênfase na função comunicativa da linguagem fundamentada no estudo da língua no seu contexto de uso, a uma orientação *tipológica*, que busca compreender a diversidade linguística. A abordagem funcionalista givóniana, segundo Martelotta e Areas (2003, p. 28), fundamenta-se nos seguintes pressupostos: (a) a linguagem consiste em uma atividade sociocultural; (b) a estrutura linguística se presta a funções cognitivas e comunicativas; (c) a estrutura linguística é não arbitrária, motivada, icônica; (d) a mudança e a variação linguística sempre se fazem presentes; (e) o sentido é contextualmente dependente e não atômico; (f) as categorias linguísticas não são

⁵ Para uma discussão sobre essa questão levando em conta justamente a *Peregrinação*, cf. Cambraia (2023b).

discretas; (g) a estrutura linguística é maleável e não rígida; (h) as gramáticas são emergentes; e (i) as regras da gramática permitem exceções.

Um aspecto essencial para discutir o processo de variação e mudança no quadro do funcionalismo givóniano é a noção de compromisso adaptativo:

O fato de a gramática das orações codificar simultaneamente informação semântico-proposicional e discursivo-pragmática tem grandes consequências. Uma vez que as exigências de codificação das duas estão frequentemente em conflito, a estrutura resultante é um *compromisso adaptativo* entre as pressões funcionais em competição (Givón, 2001, v. 1, p. 19, grifos do autor, tradução nossa).

Dentro do modelo givóniano, sintagmas nominais são interpretados como compostos de núcleos (ing. *heads*) e modificadores (ing. *modifiers*). A principal função dos modificadores é a de especificar mais ou restringir o domínio da referência dos núcleos nominais que acompanham (Givón, 2001, v. II, p. 1). Os modificadores se distribuem em duas grandes classes: (a) pré-nominais (quantificadores, determinantes, adjetivos ou sintagmas adjetivos e substantivos modificadores [aspecto este próprio da língua inglesa]) e (b) pós-nominais (orações relativas, complementos nominais e sintagmas preposicionados) (Givón, 2001, v. II, p. 4-10). Os modificadores podem também ser classificados em: (a) restritivos (usados para restringir o domínio da referência) e (b) não restritivos (empregados para enriquecer a descrição do referente com mais atributos característicos, mas sem restringir o domínio da referência) (Givón, 2001, v. II, p. 10). Na língua inglesa, pertencem à classe de determinantes: o dêitico (ing. *deictic*), como *this*; o definido (ing. *definite*); isto é, *the*, o indefinido (ing. *indefinite*), como *a*; o não referente (ing. *non-referring*), como *any*; e o possessivo, como *my*.

Segundo Givón (2001, v. I, p. 459), os falantes codificam um referente nominal como definido quando assumem que seja *identificável* ou *acessível* ao ouvinte, isto é, que o referente esteja presente em alguma representação mental pré-existente do ouvinte. Em função disso, interpreta-se que a definitude seja uma questão profundamente pragmática, relacionada à avaliação do falante quanto ao estado corrente de conhecimento do ouvinte em um dado momento da comunicação.

Um aspecto interessante em relação à definitude é sua previsibilidade em termos de funções ou papéis (ing. *case-roles*): (a) os papéis de sujeito, de dativo/beneficiário e de associativo (isto é, adjunto de companhia) são majoritariamente definidos, por causa de sua topicalidade, humanidade ou de ambos; (b) os papéis de lugar e de tempo são majoritariamente definidos, por serem elementos de enquadre (ing. *frame*) no discurso natural, normalmente estabelecidos antes de os principais participantes serem introduzidos; e (c) os papéis de instrumento e de modo são majoritariamente indefinidos, por causa de sua não topicalidade e não referencialidade. O único papel com definitude imprevisível é a de objeto/paciente. (Givón, 2001, v. I, p. 473-474).

Como já salientado, no modelo givóniano, a variação e a mudança linguística estão sempre presentes e a dinamicidade da língua pode ser compreendida com base no compromisso adaptativo que decorre da atuação das pressões funcionais em competição. Desde o trabalho seminal de Weinreich, Labov e Herzog (1968), os estudos de variação e mudança linguística têm procurado dar conta da interação entre as diversas variáveis que determinam formas específicas de expressão linguística. No quadro dos estudos sociolinguísticos desenvolvidos por Labov (1994, 2001, 2005), entende-se que a língua apresenta heterogeneidade ordenada e a forma de compreender essa sistematicidade tem sido a de analisar os fenômenos (as variáveis dependentes) com base em fatores intralingüísticos e extralingüísticos (as variáveis independentes). No presente estudo, dá-se atenção essencialmente a fatores intralingüísticos, já que se trata de um *corpus* vinculado a um mesmo falante (Fernão Mendes Pinto) segundo indicam estudos mais recentes, a uma mesma época (séc. XVI) e a um mesmo gênero textual (narrativa histórica). Em uma averiguação das características sócio-históricas do autor do texto, apurou-se que a obra “provavelmente revela o uso linguístico escrito, mas com traços de oralidade, de um falante culto da variante da região de Lisboa (do dialeto padrão, portanto) na faixa etária de 60 anos, em um estilo mais ou menos informal” (Cambraia, 2000, p. 1359).

Como, na concepção funcionalista, se prioriza o objetivo comunicativo da linguagem, os fatores intralingüísticos selecionados para o presente estudo privilegiaram aspectos pragmático-discursivos e semântico-proposicionais, sem, no entanto, deixar de considerar aspectos sintáticos, ainda que estes estejam fortemente vinculados aos dois mencionados antes.

A hipótese de trabalho que será testada no presente estudo é a de que *fatores de naturezas diversas atuam na determinação da presença ou ausência de artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo no português do séc. XVI (especificamente, na Peregrinação)*. Esse fato decorre do compromisso adaptativo entre pressões funcionais em competição de que fala Givón (2001, v. 1, p. 19). Basta lembrar aqui que Cunha e Cintra (1985) assinalam que a presença de artigo definido junto a antropônimo pode ter diferentes razões, que não apenas a de marcar que se trata de “ser já conhecido do leitor ou ouvinte” (ou de marca acessibilidade, em termos givónianos), mas também depreciação, afetividade, familiaridade, etc.

4. Metodologia

O *corpus* adotado para o presente estudo foi o texto completo da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (ca. 1510-1583) presente na versão do primeiro estado da sua edição de 1614. Para o processamento do texto, o autor deste estudo realizou uma edição diplomática, ainda inédita, feita a partir do fac-símile digital do exemplar de cota 393924-C da Biblioteca Nacional Austríaca (Pinto, 1614). Ela se fez necessária diante da constatação da inexistência de edição digital fidedigna (Cambraia, 2023a)

para estudos linguísticos e seguiu os critérios propostos por Cambraia (2005, p. 93-95), mas com a particularidade de realização de conjecturas sempre assinaladas em nota. Para a coleta de dados, empregou-se o programa *AntConc* versão 4.3.1 (Antony, 2024).

Há, na *Peregrinação*, um sistema muito complexo de itens empregados para se referir a pessoas, nem sempre ficando claro se se trata de substantivo comum ou próprio:

a) No caso de forma *Pequim*, ela é usada para se referir a pessoa e a lugar:

(05) ... se fundou esta cidade, & se pouou este imperio Chim por este príncipe filho da Nancaa chamado [Pequim], q̄ era o mais velho de todos. (f. 106ra31-35)

(06) ... esta cidade que nós chamamos Paquim, a q̄ os seus naturais chamão [Pequim], por ser este o seu primeyro nome, està situada em altura de quarenta & hum graos da banda do Norte, ... (f. 122rb21-26)

(07) ... & então foy esta cidade d[o Pequim] entrada de inimigos, & assolada, & posta por terra vinte & seis vezes, ... (f. 106rb10-13)

No dado em (05), *Pequim* claramente nomeia pessoa, logo é antropônimo; em (07), essa forma nomeia lugar, então é topônimo; mas, em (06), há certa ambivalência, porque se pode interpretar como se referindo a pessoa (*cidade do Pequim* = “cidade relativa à pessoa chamada *Pequim*”) ou a lugar (*cidade do Pequim* = “cidade com o nome *Pequim*”). A questão principal é se, no uso da expressão *cidade do Pequim*, haveria a permanência do vínculo semântico da forma *Pequim* com a pessoa a quem se atribui sua fundação. Optou-se aqui por considerar que não haveria, porque no uso dessa expressão não há retomada de referência a pessoa no contexto; logo, todos os casos de *cidade do Pequim* foram considerados como topônimos.

b) No caso de divindades chinesas, as formas são usadas para se referirem às divindades ou para edificações ou ídolos/estátuas dedicados a elas:

(08) ... & a razão disto era, porque dezião que [[o *Tinagoogoo*] [deos de mil deoses]] era ido em busca da serpe tragadora para a matar com hũa espada ... (f. 198vb31-35)

(09) ... se yr curar a hũa grande enfermaria q̄ estaua daly doze legoas adiante em hũ pagode por nome [*Tinagoogoo*], q̄ quer dizer, deos de mil deoses, (f. 195va6-10)

- (10) ... estaua a capella d[[*o idolo Tinagoogoo*]] [que he o deos de mil deoses]],
em hũa charolla redonda, toda dalto abaixo forrada de pranchas de prata,
... (f. 196vb1-5)

No dado em (08), *Tinagoogoo* nomeia uma divindade (“deos de mil deoses”), logo é antropônimo; em (09), essa forma designa um pagode, então é nome de edificação; e, em (10), se refere ao ídolo que representa a divindade, sendo, portanto, nome de objeto. Na presente análise, só se consideram como antropônimos os casos em que a referência é diretamente à divindade, como em (08), mas não quando é indireta em função de extensão metonímica, como em (09) e (10).

- c) No caso de certas nações, uma mesma forma é usada para designar o lugar ou o seu governante:

- (11) ... pelo ˜ foy forçado a estes pouos darem cõta disso a[[*o Emperador d[o Sornau]*]] [Rey de Sião]], que he senhor supremo de toda esta terra,
... (f. 176vb33-37)

- (12) ... em reposta de algūas cartas que [*o Sornau*] lhe escreuera da cidade de Odiaa, lhe respondeo elle hũa que dezia estas palauras... (f. 177ra37-177rb1)

No dado em (11), vê-se que a expressão *o Sornau* nomeia um estado (cf. a expressão precedente *o Emperador de*), mas, em (12), nota-se que nomeia uma pessoa (cf. o verbo *escreuera* logo depois). Como a forma *Sornau* deriva da expressão persa *Shar-i Naw* (literalmente, “nova cidade”), usada para nomear no passado o reino que cuja capital era a cidade de Odiaa (forma correspondente hoje a *Ayutthaya*), percebe-se então um caso de extensão semântica em que o nome de lugar é usado para designar pessoa. No entanto, nesse segundo caso, não se trataria de antropônimo, mas sim de gentílico⁶, sendo, assim, um nome comum, e não um nome próprio: casos como este não foram considerados como antropônimos.

Considerando que o reconhecimento e a categorização dos antropônimos da *Peregrinação* suscitam dúvidas, constam do anexo ao final deste texto todos os itens que fizeram parte da análise.

Ao final, no conjunto, o *corpus* ficou composto de 2456 ocorrências de antropônimos.

Para analisar o comportamento dos antropônimos foram consideradas as seguintes variáveis:

⁶ Não se faz aqui distinção entre adjetivos pátrios e gentílicos, sendo ambos os casos tratados genericamente como gentílicos.

- a)** *Determinante*⁷ [variável dependente]: artigo definido, artigo indefinido, anafórico *o qual*, demonstrativo ou ausente.
- b)** *Tradição do antropônimo*: consolidada ou não consolidada.
- c)** *Tipo de antropônimo*: figura bíblica, nome de santo (hagiônomo), figura histórica, alcunha, sobrenome (patronímico) ou outra.
- d)** *Gênero do antropônimo*: masculino ou feminino.
- e)** *Forma de tratamento*: presente ou ausente. Foram consideradas como formas de tratamento: *senhor/senhora*⁸, *dom/dona*, *são ~ santo/santa* (dentro do contexto católico), *grão, quiaj, quamsy ~ quansio, nhay, muhee, coja ~ coje ~ coge, hoyha, cide, siry e baxà ~ baxâ*.
- f)** *Indicador de posição/função social*: presente ou ausente. Foram considerados como indicadores os substantivos comuns que indicam posição nobiliária (*rey, visorrey, raynha, iffante, conde, soltão, emperador, principe, princesa*), administrativa (*capitão, capitão mór, gouernador, ouuidor, embaixador, almirante, coronel, feitor, bainhaa, xemim, mandarim, rajaa, prechau, tutão, pate*), religiosa (*irmão, padre, padre mestre, padre reitor mestre, vigayro, preste, profeta, apostolo, arcanjo, deosa, bonzo, tundo, fatoquim, moulana*), acadêmica (*doutor, licenciado*), parentesco (*mãy, sobrinho, tio, cunhado, molher*) e práticas ilícitas (*cossayro, ladrão*).
- g)** *Adjetivo*: presente ou ausente. Foram constatados os seguintes adjetivos: *antigo, passado, nouo, virgẽ ~ virgem, viuua, bemauenturado/bemauenturada, malafortunado, desauenturado, mouro, santo/santa* (fora do contexto católico), *pobre, amigo, grande, sensual, mayor, perfeito, diuino, viuo, verdadeyro, eterno, forte, particular, bom, alto, padecẽte, varaõ de coluna de aço, nobre, bramaa, gentio, chim, portuguez, sauady, tyranno ~ tyrâno, vencido, triste, falso, morto, poderoso*.
- h)** *Possessivo*: presente ou ausente. Foram consideradas possessivas as formas pronominais, mas não as construções genitivas preposicionadas (*delle, della, etc.*).

⁷ Adota-se aqui o termo *determinante* para designar uma subclasse dos especificadores formada por: artigo definido, artigo indefinido e demonstrativo. Eles apresentam a especificidade de nunca coocorrerem no mesmo SN. Inclui-se excepcionalmente também a expressão *o qual*.

⁸ No caso das designações relativas a *Nossa Senhora*, não se classificou *Senhora* como forma de tratamento, porque essa forma é o próprio núcleo do SN: classificaram-se como formas de tratamento aqueles itens que acompanham o núcleo do SN.

- i) *Qualificador*: presente ou ausente. Foram considerados como qualificadores indicadores de posição/função social, adjetivos, possessivos, sintagmas preposicionados, orações relativas e apostos.
- j) *Referenciador*: presente ou ausente. Foram consideradas como referenciadores as formas *mesmo* ou *próprio*.
- k) *Construção apresentativa*: presente ou ausente. Foram consideradas como construções apresentativas aquelas compostas dos verbos *chamar*, *dizer* e *nomear* ou das expressões *por nome* ou *d'alcunha*.
- l) *Estrutura do SN*: preposicionada ou não. Considerou-se como presente quando há preposição ou locução prepositiva imediatamente antes do SN com antropônimo, mesmo que a preposição introduzisse oração.
- m) *Estrutura genitiva*: presente ou ausente. Considerou-se como presente quando o SN com antropônimo fosse precedido da preposição *de* e se tratasse de expressão de posse (mas não de complemento nominal).
- n) *Função sintática*: sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do objeto direto ou indireto, aposto, vocativo, agente da passiva, complemento nominal, adjunto adnominal ou adjunto adverbial.
- o) *Coordenação*: ausente, como primeiro elemento ou como elemento subsequente.
- p) *Menção*: única, primeira ou subsequente.
- q) *Localização*: título de capítulo ou texto de capítulo⁹.

Maiores explicações sobre essas categorias serão fornecidas no comentário respeitivo na análise dos dados.

Para calcular o peso relativo de cada variável, empregou-se o programa de análise multivariada *GoldVarb X* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Esse programa informa também quando uma variável independente é estatisticamente significativa ou não.

Convém salientar neste ponto que o presente trabalho se diferencia substancialmente dos precedentes, como o de Callou e Silva (1997), porque a contabilização dos dados considerou *todas* as ocorrências de sintagmas nominais com antropônimos. Assim, por exemplo, não se consideraram apenas os casos de sintagma nominal em que houvesse artigo definido contiguamente diante de antropônimo, mas todo e qualquer sintagma nominal que contivesse antropônimo. Como em alguns casos

⁹ Esta variável foi considerada para avaliar a hipótese de que o autor do título dos capítulos seria diferente do autor do texto dos capítulos (Francisco de Andrade para aquele e Fernão Mendes Pinto para este), mas dois outros estudos (Cambraia; Cunha, 2023; Cambraia; Leite, 2023) já ofereceram subsídios para a interpretação de ser apenas um o autor do título e o do texto (Fernão Mendes Pinto), embora com algumas poucas intervenções de um terceiro (Francisco de Andrade).

há comportamento categórico (com presença ou ausência de artigo definido), isso foi devidamente informado e abordado no curso da análise. No entanto, a questão essencial é o fato de se buscar compreender como diferentes fatores interagem para determinar a presença de artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo, por isso é necessário considerar tudo o que faz parte desse tipo de sintagma nominal.

5. Descrição e análise dos dados

Considerando os tipos de determinantes em sintagmas nominais com antropônimo, os resultados obtidos foram os seguintes:

Tabela 2: Antropônimos em sintagmas nominais por tipo de determinante

	Total	
	n	%
Sem nenhum determinante	1576	64.2
Com artigo definido	780	31.8
Com demonstrativo	48	1.9
Com artigo indefinido	47	1.9
Com anafórico	5	0.2
Total	2456	100

Como se pode ver pela tabela 2, o comportamento prototípico em relação a antropônimos na Peregrinação é não ocorrerem acompanhados de determinantes (64,2% dos casos). Essa mesma tabela permite verificar ainda que a ocorrência de sintagmas nominais com artigo indefinido, demonstrativo e anafórico (no caso, *o qual*) e antropônimo é bastante rara (esses casos perfazem conjuntamente apenas 4% das ocorrências). Como o foco do presente estudo recai sobre os artigos definidos, não se tratará desses três casos, mas exemplos de sua ocorrência podem ser vistos nos dados a seguir:

(13) ... proueo na capitania do descobrimento della a [hum Francisco D'almeida], caualeyro de sua casa, homem de muitas partes, & bem sufficiente para aquelle cargo, (...), [o qual Francisco D'almeida] indo da India para lâ falleceo de febres nas ilhas de Nicubar. (f. 20vb1-12)

(14) ... chegou húa fusta de Malaca, de que vinha por Capitão [hum Antonio de Faria de Sousa], o qual, por mandado de Pero de Faria, vinha a fazer aly certo negocio com el Rey, (...). [Este Antonio de Faria] trazia hũs dez ou doze mil cruzados em roupas da India que em Malaca lhe emprestaraõ ... (f. 36va10-34)

Os sintagmas nominais com artigo definido ou sem determinante e antropônimos são conjuntamente a grande maioria dos casos: 2356 ocs. O exame dos dados demonstrou que há alguns contextos exclusivos para cada caso, mas existem também contextos com variação.

Há, por um lado, a presença categórica de artigo definido nos dois seguintes contextos:

a) Alcunha [11 ocs.]:

- (15) E tambẽ trouxe informação da bahia onde se perdera [[*o Rosado*] [Capitão da nao Frácesa]], & Matalote do Brigas Capitão da outra nao... (f. 20rb13-17)

b) Referenciadores *mesmo* ou *próprio* [15 ocs.]:

- (16) despois q̄ Adão fora derrubado pela serpente, determina de mandar seu filho ao mundo para remir os descendentes d[*o mesmo Adão*] ... (f. 283vb9-12)

- (17) se assentou que [*o proprio capitão Duarte da Gama*] o fosse em pessoa logo buscar a terra antes que acontecesse algum desastre... (f. 279vb11-14)

Por outro lado, há a ausência categórica de artigo definido nos dois seguintes contextos:

a) Vocativo [56 ocs.]:

- (18) disse có vozes muyto altas q̄ todos o ouuirão, [ò *ladrão Xemindoo*], lembra-te quando te fuy fazer queixume dos q̄ me roubaraõ minha fazenda, de q̄ me não fizeste justiça? (f. 257ra9-14)

b) Uso metonímico do autor pela obra [1 oc.]¹⁰:

- (19) ... segundo o que temos visto & lido, assi em [*Ptolomeu*] como nos mais que escreueraõ da geografia, nenhum destes ouue que passasse do reyno

¹⁰Convém salientar que, como só há uma ocorrência nesse contexto, trata-se de uso categórico de representatividade limitada em termos gerais.

de Sião & da ilha Çamatra, senão só os nossos Cosmographos ... (f. 173rb38-173va4)

Excluindo essas 83 ocs., tem-se um *corpus* de 2273 ocs. com variação entre presença e ausência de artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo. Levando em conta estas 2273 ocs., constatam-se 462 ocs. (20,3%) de artigo definido contiguamente diante de antropônimo, valor bem superior ao atestado por Callou e Silva (1997, p. 14) para o séc. XVI, que ficava abaixo de 5%.

Esses dados foram processados no GoldVarbX e quatro das quinze variáveis independentes restantes¹¹ não foram selecionadas como significativas: *gênero do antropônimo*, *estrutura do SN*, *estrutura genitiva* e *localização*. No estudo de Moraes e Lima (2021), sobre o português brasileiro contemporâneo, o gênero do antropônimo também não foi considerado significativo, mas a estrutura do SN foi selecionada para as capitais da região nordeste e estrutura genitiva para as da região norte. No caso da *Peregrinação*, deve-se reconhecer que há consistência, porque, como a estrutura do SN não foi selecionada, estrutura genitiva, que contém preposição, também não o foi. A exposição a seguir aborda, portanto, apenas as onze variáveis independentes consideradas significativas (a rodada eleita como a melhor apresentou o nível de significância 0.038).

A variável independente *tradição do antropônimo* foi estabelecida para dar conta do fato de que há um comportamento diferenciado entre antropônimos da tradição judaico-cristã (p. ex., *João*), classificados aqui como de *tradição consolidada*, e os afro-asiáticos decorrentes do contato dos portugueses com civilizações do oriente (p. ex., *Angeessiry*), classificados aqui como de *tradição não consolidada*. Essa variável tem certa compatibilidade com a variável *intimidade do falante em relação à pessoa mencionada* de estudos precedentes: os de tradição não consolidada se referem geralmente a personagens de que se tomou conhecimento no curso das viagens ao oriente, o que equivale aproximativamente a menos intimidade, enquanto os de tradição consolidada equivaleriam a mais intimidade. Mas não há equivalência perfeita, já que os dados foram extraídos de uma obra que se baseia em mescla de fatos reais e ficcionais. De qualquer maneira, a expectativa era a de que antropônimos de tradição consolidada favoreceriam a presença do artigo definido, porque se tratava geralmente de personagens de conhecimento geral (como no caso das figuras históricas) e de mesma cultura (como no caso de outros portugueses) ou, em termos givónianos, pertencentes à representação mental pré-existente do ouvinte/leitor. Os resultados obtidos foram:

¹¹ A variável *referenciador* já tinha sido excluída em função de presença categórica de artigo definido.

Tabela 3: Atuação da variável tradição do antropônimo no comportamento de artigo definido na Peregrinação

		Presença	Ausência	N	%
Consolidada	N	266	1318	1584	69.7
	%	16.8	83.2		
	PR	0.248			
Não consolidada	N	490	199	689	30.3
	%	71.1	28.9		
	PR	0.927			
Total	N	756	1517	2273	
	%	33.3	66.7		

Como se vê, os dados apresentaram resultado inverso ao esperado, com os antropônimos de tradição consolidada desfavorecendo fortemente (PR 0.248) a presença de artigo definido e os de não consolidada favorecendo-a fortemente (PR 0.927). Uma possível explicação para esse resultado imprevisto seria a de que, para o autor da obra, os personagens do oriente, embora não pudessem ser considerados propriamente como de mais intimidade, seriam, no entanto, objeto de maior sensibilidade, de maior afetividade, já que foi justamente sua viagem que o tornou famoso (mesmo que certos personagens sejam ficcionais). Sendo assim, a presença incomum de artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo de tradição não consolidada seria em razão de afetividade¹², algo que Cunha e Cintra (1985) já tinham assinalado como fator que desencadeava a presença de artigo definido.

Levando em conta a diferenciação entre essas duas categorias, constatam-se 112 (7,1%) dentre 1584 ocs. de artigo definido contiguamente diante de antropônimo de tradição consolidada e 350 (50,8%) dentre 689 ocs. de não consolidada. Vê-se, portanto, que o valor da primeira se aproxima do atestado por Callou e Silva (1997, p. 14) para o séc. XVI, que ficava abaixo de 5%.

A variável independente *tipo de antropônimo* foi estabelecida para aferir o papel da diversidade dessa categoria. Esta variável apresenta semelhança com a de tipo de antropônimo de estudos prévios, apesar de não se ter trabalhado aqui com as mesmas categorias: Moraes e Lima (2021) consideraram nome completo, prenome, sobrenome, agnome, apelido/alcunha, hipocorístico, nome artístico e/ou de palco ou

¹² Um dos pareceristas anônimos propôs a hipótese alternativa de que a presença incomum de artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo de tradição não consolidada seria em razão de depreciação, uma das motivações para a presença do artigo arroladas por Cunha e Cintra (1985). Um entrave para essa hipótese é o fato de que, embora haja casos de manifestação explícita de depreciação (cf. “o falso Xemindoo”), há também casos de manifestação explícita de empatia (cf. “a nobre viuua Anchesiny”). Mantém-se aqui, portanto, a hipótese original, mas ressaltando-se que a noção de afetividade deve ser entendida de forma genérica, como sensibilidade, como o que desperta sentimentos, como o que faz sair de um estado de apatia.

nome fictício, mas aqui se consideraram figura bíblica, nome de santo (hagiônimo), figura histórica, sobrenome (patronímico) ou demais¹³. Assim, por exemplo, não se diferenciaram aqui nome completo e prenome, mas sobrenome (patronímico) foi considerado uma categoria à parte; além disso, não ocorreram hipocorísticos na *Peregrinação*. A expectativa era a de que antropônimos diferenciados (ou seja, que não fossem da classe dos demais) favoreceriam a presença do artigo definido, porque remetiam a referentes tidos como mais notórios e, portanto, pertencentes à representação mental pré-existente do ouvinte/leitor. Os resultados obtidos foram:

Tabela 4: Atuação da variável tipo de antropônimo no comportamento de artigo definido na *Peregrinação*

		Presença	Ausência	N	%
Patronímico	N	13	1	14	0.6
	%	92.9	7.1		
	PR	0.994			
Figura histórica	N	4	5	9	0.4
	%	44.4	55.6		
	PR	0.697			
Hagiônimo	N	5	14	19	0.8
	%	26.3	73.7		
	PR	0.668			
Demais	N	693	900	1593	70.1
	%	43.5	56.5		
	PR	0.594			
Figura bíblica	N	41	597	638	28.1
	%	6.4	93.6		
	PR	0.252			
Total	N	756	1517	2273	
	%	33.3	66.7		

Os resultados foram, em grande parte, o esperado, com antropônimos diferenciados favorecendo a presença de artigo definido: patronímico (PR 0.994), figura histórica (PR 0.697) e hagiônomo (PR 0.668). A exceção foi o caso de figura bíblica (PR 0.252), desfavorecendo a sua presença: certamente pesaram para esse resultado os itens *Deos* (apenas 32 ocs. com artigo dentre 549 ocs. no total) e *Iesu Christo* (todas as 55 ocs. sem artigo), que perfazem 604 das 638 ocs. na categoria *figura bíblica*. Assinale-se que não há nenhuma ocorrência de *Deos* sem algum qualificador (adjetivo, possesivo, sintagma preposicionado, etc.) mas com artigo definido. Convém esclarecer que todos os antropônimos de tradição não consolidada foram

¹³A categoria *alcunha*, como já assinalado, teve presença categórica de artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo.

tratados como pertencentes à categoria *demais* da variável *tipo de antropônimo*, dada a dificuldade de diferenciar os casos específicos desta variável para esse tipo.

A variável independente *forma de tratamento* foi estabelecida para verificar o papel da relação de respeito. A expectativa era a de que a ocorrência desse tipo de forma desfavoreceria a presença do artigo definido, porque ela assinala respeito e, portanto, menos intimidade. Os resultados obtidos foram:

Tabela 5: Atuação da variável forma de tratamento no comportamento de artigo definido na Peregrinação

		Presença	Ausência	N	%
Com forma de tratamento	N	114	132	246	10.8
	%	46.3	53.7		
	PR	0.364			
Sem forma de tratamento	N	642	1385	2027	89.2
	%	31.7	68.3		
	PR	0.517			
Total	N	756	1517	2273	
	%	33.3	66.7		

Os resultados foram o esperado, com formas de tratamento desfavorecendo fortemente a presença de artigo definido (PR 0.364). Como essas formas expressam menos intimidade, então desencadeiam menos a presença de artigo definido. Para um exemplo atestando variação, vejamos os seguintes dados:

(20) ... & [o dom Antonio] por sentença foy solto & liure, ... (f. 293ra12-14)

(21) Porque como por causa destes insultos, & de outros que [dom Aluaro] tinha cometidos, despuseraõ Malaca de ser cidade como antes era, ... (f. 292rb14-17)

A variável independente *indicador de posição/função social* foi estabelecida para verificar o papel de qualificadores que expressam posição nobiliária, administrativa, religiosa ou acadêmica, parentesco ou práticas ilícitas. Esta variável apresenta semelhança com a de título/qualificativo de estudos prévios. A expectativa era a de que a presença desses indicadores favoreceria a presença do artigo definido, porque conferem mais definitude ao referente. Os resultados obtidos foram:

Tabela 6: Atuação da variável indicador de posição/função social no comportamento de artigo definido na Peregrinação

		Presença	Ausência	N	%
Com indicador	N	221	18	239	10.5
	%	92.5	7.5		
	PR	0.948			
Sem indicador	N	535	1499	2034	89.5
	%	26.3	73.7		
	PR	0.415			
Total	N	756	1517	2273	
	%	33.3	66.7		

Os resultados foram o esperado, com indicadores de posição/função social favorecendo fortemente a presença de artigo definido (PR 0.948). Porque esses indicadores aumentam a definitude, então justificam mais a presença de artigo definido. Nos dois estudos geolinguísticos referidos anteriormente (Amaral, 2003; Moraes; Lima, 2021), esse fator não foi selecionado como significativo. Levando em conta a descrição dessa variável no estudo de Amaral (2003, p. 100-101), pode-se hipotetizar que a anulação da significância tenha sido resultado da união entre as formas de tratamento e os indicadores de posição/função social em uma só variável, apesar de a primeira classe denotar menos intimidade (desfavorecendo o artigo) e a segunda mais definitude (favorecendo o artigo).

A variável independente *adjetivo* foi estabelecida para verificar o papel da qualificação na determinação do uso do artigo. A expectativa era a de que a presença de adjetivo favoreceria a presença do artigo definido, porque, como no caso dos indicadores de posição/função social, conferem maior definitude ao referente. Os resultados obtidos foram:

Tabela 7: Atuação da variável adjetivo no comportamento de artigo definido na Peregrinação

		Presença	Ausência	N	%
Com adjetivo	N	46	8	54	2.4
	%	85.2	14.8		
	PR	0.948			
Sem adjetivo	N	710	1509	2219	97.6
	%	32.0	68.0		
	PR	0.482			
Total	N	756	1517	2273	
	%	33.3	66.7		

Os resultados foram o esperado, com o adjetivo favorecendo fortemente a presença de artigo definido (PR 0.948). Como adjetivos aumentam a definitude, logo desencadeiam mais a presença de artigo definido.

A variável independente *possessivo* foi estabelecida também para verificar o papel da qualificação na determinação do uso do artigo. A expectativa era a de que a presença de possessivo favoreceria a presença do artigo definido, porque, como nos demais casos de qualificadores, conferem maior definitude ao referente. Os resultados obtidos foram:

Tabela 8: Atuação da variável possessivo no comportamento de artigo definido na Peregrinação

		Presença	Ausência	N	%
Com possessivo	N	23	35	58	2.6
	%	39.7	60.3		
	PR	0.728			
Sem possessivo	N	733	1482	2215	97.4
	%	33.1	66.9		
	PR	0.494			
Total	N	756	1517	2273	
	%	33.3	66.7		

Os resultados foram o esperado, com o possessivo favorecendo a presença de artigo definido (PR 0.728). Como possessivos aumentam a definitude (através de vínculo a pessoas do discurso), então desencadeiam mais a presença de artigo definido. Mas deve-se assinalar aqui que a combinação de artigo definido com possessivos também estava passando por um processo de mudança, com o aumento gradativo da presença de artigo diante de possessivo no curso do tempo, mesmo que não houvesse antropônimo no sintagma nominal. Comparando os valores das tabelas 7 e 8, percebe-se que adjetivos (PR 0.948) tinham mais força do que possessivos (PR 0.728) na determinação da presença de artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo: possivelmente o vínculo às pessoas do discurso, estabelecida pelos possessivos, seria percebido como menos definidor do que a indicação de qualidades do referente, que não eram determinadas pelas pessoas do discurso.

A variável independente *qualificador* foi estabelecida para verificar o papel da qualificação em termos mais amplos na determinação do uso do artigo, incluindo não só itens lexicais como indicadores de posição/função social, adjetivos e possessivos, mas também estruturas mais complexas como sintagmas preposicionados, orações relativas e apostos. A expectativa era a de que a presença de qualificador favoreceria a presença do artigo definido, porque o fornecimento de mais informação implica maior definitude do referente. Os resultados obtidos foram:

Tabela 9: Atuação da variável qualificador no comportamento de artigo definido na Peregrinação

		Presença	Ausência	N	%
Com qualificador	N	418	257	675	29.7
	%	61.9	38.1		
	PR	0.719			
Sem qualificador	N	338	1260	1590	70.3
	%	21.2	78.8		
	PR	0.402			
Total	N	756	1517	2273	
	%	33.3	66.7		

Os resultados foram o esperado, com o qualificador favorecendo a presença de artigo definido (PR 0.719). Muito provavelmente a força do qualificador é menor do que a de indicadores (PR 0.948), adjetivos (PR 0.948) e possessivos (PR 0.728) isoladamente, porque recursos como sintagmas preposicionados, orações relativas e apostos não seriam percebidos como fortemente definidores: não raramente esses qualificadores eram orações relativas apositivas ou apostos, que, via de regra, mais enriquecem a descrição do que limitam a referência. Como já assinalado antes, para Givón (2001), há modificadores restritivos (que limitam o domínio da referência) e não restritivos (que enriquecem a descrição do referente): interpreta-se aqui que orações relativas apositivas ou apostos são não restritivos.

A variável independente *construção apresentativa* foi estabelecida para dar conta do contexto específico de denominação do referente. Nessas construções, o sintagma nominal não tem propriamente uma função referencial (apontar para um referente) mas sim denominativa (nomear um referente), atuando quase como um adjetivo, e não como um substantivo. A expectativa era a de que a presença em construção apresentativa desfavoreceria a presença do artigo definido, uma vez que não é um contexto referencial, propício para expressão de definitude. Os resultados obtidos foram:

Tabela 10: Atuação da variável construção apresentativa no comportamento de artigo definido na Peregrinação

		Presença	Ausência	N	%
Em construção apresentativa	N	5	185	190	8.4
	%	2.6	97.4		
	PR	0.004			
Fora de construção apresentativa	N	751	1332	2083	91.6
	%	36.1	63.9		
	PR	0.624			
Total	N	756	1517	2273	
	%	33.3	66.7		

Os resultados foram o esperado, com a construção apresentativa desfavorecendo fortemente a presença de artigo definido (PR 0.004). Dado o baixíssimo valor do peso relativo, é possível até mesmo considerar que sejam casos praticamente excepcionais. Veja-se abaixo um par de dados atestando a variação na presença do artigo definido nesse tipo de estrutura:

(22) *Mas enculcaraõ-lhe ahy hum cossayro muyto afamado Ÿ se chamaua [o Similau], de que elle láçou mão, & ouue logo fala delle, ...* (f. 78ra30-33)

(23) *... & os outros eraõ hum Turco, & dous Achẽs, & o Capitão do jūco Ÿ se chamaua [Similau], grande cossayro, & inimigo nosso, os quais Antonio de Faria mandou logo meter a tormento, ...* (f. 41rb38-41va3)

Todas as cinco ocorrências foram com antropônimos de tradição não consolidada (*Camisama, Carão, Coumidau, Necodà* e *Similau*), o que só confirma que essa categoria tem um comportamento muito peculiar, não só com predomínio da presença de artigo definido de forma geral, mas também com a presença deste em contextos incomuns, como em construções apresentativas. O fato de haver cinco ocorrências, todas com antropônimos diferentes entre si mas de mesma categoria, parece afastar a hipótese de possível lapso de composição tipográfica.

A variável independente *função sintática* foi adotada tendo em vista estudos de sintaxe e análises variacionistas. Como já assinalado antes, a variável função sintática foi citada como significativa no estudo de Moraes e Lima (2021) em referência ao português brasileiro da região norte nas funções de objeto direto (PR 0.66), indireto (PR 0.62), tópico (PR 0.59) e sujeito (PR 0.55). Estes mesmos pesquisadores, no entanto, assinalam que as funções selecionadas em estudos precedentes nunca foram as mesmas, apresentando, aliás, grande diversidade, apenas com a situação recorrente de quase sempre a função sintática ser selecionada como significativa. A expectativa aqui era a de que as funções sintáticas de sujeito e objeto direto, que desempenham papel importante na coerência referencial segundo Givón (2001, v. I, p. 476)¹⁴, favoreceriam a presença de artigo definido. Veja-se que as funções assinaladas por Givón estão de fato entre as favorecedoras no estudo de Moraes e Lima (2021), embora o objeto indireto também tenha se mostrado relevante. Os resultados obtidos foram¹⁵:

¹⁴ Givón afirma, por um lado, que a definitude de objeto/paciente é imprevisível (Givón, 2001, v. I, p. 473-474), mas, por outro lado, ao considerar a questão da definitude no processo de coerência referencial, assume que essa função adota morfema de definitude quando se torna tópico (Givón, 2001, v. I, p. 476).

¹⁵ A categoria *vocativo*, como já assinalado, teve ausência categórica de artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo.

Tabela 11: Atuação da variável função sintática no comportamento de artigo definido na Peregrinação

		Presença	Ausência	N	%
Predicativo do objeto	N	10	90	100	4.4
	%	10.0	90.0		
	PR	0.864			
Objeto direto	N	49	21	70	3.1
	%	70.0	30.0		
	PR	0.774			
Agente da passiva	N	13	13	26	1.1
	%	50.0	50.0		
	PR	0.627			
Complemento nominal	N	14	62	76	3.3
	%	18.4	81.6		
	PR	0.593			
Objeto indireto	N	117	200	317	13.9
	%	36.9	63.1		
	PR	0.567			
Sujeito	N	379	686	1065	46.8
	%	35.6	64.4		
	PR	0.526			
Adjunto adnominal	N	149	260	409	18.0
	%	36.4	63.6		
	PR	0.470			
Adjunto adverbial	N	12	48	60	2.6
	%	20.0	80.0		
	PR	0.351			
Predicativo do sujeito	N	6	35	41	1.8
	%	14.6	85.4		
	PR	0.331			
Aposto	N	7	102	109	4.8
	%	6.4	93.6		
	PR	0.026			
Total	N	756	1517	2273	
	%	33.3	66.7		

Por um lado, confirmou-se a pertinência das funções de sujeito (PR 0.526) e objeto direto (PR 0.774) no favorecimento da presença do artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo. Entretanto, nota-se que, na verdade, são as funções argumentais de forma geral que favorecem a presença do artigo definido, pois são relevantes a de predicativo do objeto (PR 0.864), de agente da passiva (PR 0.627), de complemento nominal (PR 0.593) e de objeto indireto (PR 0.567), ao contrário de adjunto adnominal (PR 0.470), de adjunto adverbial (PR 0.351) e de

aposto (PR 0.026). A única função que apresenta um comportamento diferente é a de predicativo do sujeito (PR 0.331), que, por ser argumental, deveria favorecer. Entretanto, se se considerar que os predicativos geralmente são, na verdade, atribuidores de qualidade, então, o esperado para essa função deveria ser que ela desfavorecesse a presença de artigo (porque não é referencial, mas qualificadora), mas, mesmo assim, continua existindo comportamento não esperado, porque ser predicativo do objeto é o que mais favorece a presença do artigo definido....

A variável independente *coordenação* foi estabelecida para dar conta do fato de que pode haver um “agasalhamento” da marcação de definitude nos elementos coordenados a partir da presença de artigo no primeiro elemento da coordenação. Esta variável apresenta semelhança com a de item de enumeração de estudos prévios, mas com a diferença de se trabalhar aqui com três categorias: fora de coordenação, primeiro elemento de coordenação ou elemento subsequente de coordenação (isto é, que não seja o primeiro). A expectativa era a de que ser elemento subsequente de coordenação deveria desfavorecer a presença de artigo definido. Os resultados obtidos foram:

Tabela 12: Atuação da variável coordenação no comportamento de artigo definido na Peregrinação

		Presença	Ausência	N	%
Fora de coordenação	N	719	1402	2121	93.3
	%	33.9	66.1		
	PR	0.511			
Primeiro elemento de coordenação	N	16	53	69	3.0
	%	23.2	76.8		
	PR	0.551			
Elemento subsequente de coordenação	N	21	62	83	3.7
	%	25.3	74.7		
	PR	0.160			
Total	N	756	1517	2273	
	%	33.3	66.7		

Os resultados foram o esperado, com o contexto de ser elemento subsequente de coordenação desfavorecendo fortemente a presença de artigo definido (PR 0.160). A explicação para isso é a noção de economia: se a definitude já está marcada no primeiro elemento, ela se estenderia aos demais sem precisar de ser marcada formalmente nesses casos.

A variável independente *menção* foi estabelecida para dar conta do fato de que, tendo sido mencionado antes, um antropônimo se tornaria mais definido. Esta variável apresenta semelhança com a de circunstância da citação de estudos prévios, mas com a diferença de se trabalhar aqui novamente com três categorias em vez de duas: menção única, primeira menção (quando há mais de uma) ou menção subsequente.

A expectativa era a de que ser menção subsequente deveria favorecer a presença de artigo definido. Os resultados obtidos foram:

Tabela 13: Atuação da variável menção no comportamento de artigo definido na *Peregrinação*

		Presença	Ausência	N	%
Menção única	N	70	188	258	11.4
	%	27.1	72.9		
	PR	0.352			
Primeira menção	N	57	115	172	7.6
	%	33.1	66.9		
	PR	0.282			
Menção subsequente	N	629	1214	1843	81.0
	%	34.1	65.9		
	PR	0.543			
Total	N	756	1517	2273	
	%	33.3	66.7		

Os resultados foram o esperado, com o contexto de ser menção subsequente favorecendo a presença de artigo definido (PR 0.543), embora com valor não tão saliente. A explicação para a atuação desse fator é o fato de que ter sido mencionado antes torna o antropônimo mais definido a partir de então, desencadeando a presença de artigo definido.

6. Considerações finais

A análise multivariada do comportamento linguístico do artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo na *Peregrinação* evidenciou que se trata de um fenômeno bastante complexo, controlado por diferentes variáveis linguísticas ou fatores, como se pode ver na síntese do quadro que se segue:

Quadro 1: Presença de artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo na *Peregrinação*

Domínio	Fator	Favorece	Desfavorece
Pragmático	Tradição	não consolidada	consolidada
	Natureza	patronímico, figura histórica e nome de santo	figura bíblica
	Forma de tratamento	ausente	presente
Semântico	Indicador de posição / função social	presente	ausente
	Adjetivo	presente	ausente
	Possessivo	presente	ausente
	Qualificador	presente	ausente
Sintático	Construção apresentativa	ausente	presente
	Função	argumental (S, OD, OI, PrO, CN)	não argumental (AAdn, AAdv,) + PrS
	Coordenação	fora ou início	item subsequente
Discursivo	Menção	menção subsequente	única ou primeira

A questão mais central que emerge da constatação desse processo de competição entre pressões funcionais é a necessidade de reconhecer que a expressão linguística é fruto de um jogo complexo. Certamente por isso, Cunha e Cintra (1985, p. 216) afirmaram que “no curso da história da língua, razões diversas concorreram para que esta norma lógica [i. é, não usar artigo definido em sintagmas nominais com antropônimo] nem sempre fosse observada”. Dentro do quadro funcionalista, essas “razões diversas” são as ditas pressões funcionais, que não raramente entram em conflito.

Como o objetivo deste estudo foi o de apresentar uma contribuição para o conhecimento do português clássico, fase da história da língua portuguesa em que a expansão dos usos do artigo definido estava em uma posição intermediária entre mais rara (fase arcaica) e mais comum (fase contemporânea), ele se limitou ao *corpus* da *Peregrinação*. Mas certamente a aplicação da mesma metodologia a textos medievais e modernos há de permitir uma melhor compreensão sobre como interagem as diferentes pressões funcionais na produção do compromisso adaptativo que resulta no padrão linguístico de cada época.

Referências

- AMARAL, E. T. R. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LHAM-5SMGZ9>. Acesso em: 09 set. 2024.
- ANTHONY, L. *AntConc (version 4.3.1)*. Tokyo: Waseda University, 2024. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software>. Acesso em: 09 set. 2024.
- BARROS, J. de. *Dialogo da uiçosa vergonha*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], 1540a. Disponível em: <https://purl.pt/12147>. Acesso em: 09 set. 2024.
- BARROS, J. de. Dialogo em louuor da nossa linguagem. In: BARROS, J. de. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540b. Disponível em: <https://purl.pt/12148>. Acesso em: 09 set. 2024.
- CALLOU, D.; SILVA, G. M. O. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, D. da (org.) *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 11-27.
- CAMBRAIA, C. N. Contributo para uma gramática do português clássico: a linguagem da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, II, Florianópolis, 25-27 fevereiro 1999. *Anais...* Florianópolis: Abralin, 2000. p. 1355-1362. Cd-rom.
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAMBRAIA, C. N. Editometria: mensurando conjecturas nas edições da *Peregrinação. Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 25, p. 9-30, 2023a. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v25i1p9-30>. Acesso em: 09 set. 2024.
- CAMBRAIA, C. N. Fernão Mendes Pinto na gramática histórica de Said Ali. *Revista do GEL*, v. 20, n. 1, p. 135-159, 2023b. DOI: <https://doi.org/10.21165/gel.v20i1.3493>. Acesso em: 09 set. 2024.
- CAMBRAIA, C. N.; CUNHA, E. L. T. P. Atribuição de autoria em discussão: o caso dos títulos dos capítulos da *Peregrinação. Confluência*, Rio de Janeiro, v. 64, p. 65-130, 2023. DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2023n64.1311>. Acesso em: 09 set. 2024.
- CAMBRAIA, C. N.; LEITE, R. C. S. Variação linguística no português quinhentista: contração entre *com* e *o(s)* na *Peregrinação. Laborhistórico*, Rio de Janeiro, v. 9, p. e59885, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v9i2.59885>. Acesso em: 09 set. 2024.
- COSTA, I. O uso do artigo definido diante de nome próprio de pessoa e de possessivo do século XIII ao século XVI. In: MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. L. (Orgs.). *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: Edufba; Feira de Santana: Uefs, 2002. p. 283-306.
- CUNHA, C. Conservação e inovação no português do Brasil. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 5, p. 199-230, 1985. DOI: <https://doi.org/10.17851/2358-9787.5..199-230>. Acesso em: 09 set. 2024.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. 5. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

- GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001. 2 v.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 2001.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 2005.
- MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FAPERJ/DP&A, 2003.
- MATTOS E SILVA, R. V. *A mais antiga versão portuguesa dos quatro livros dos Diálogos de São Gregório*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971. 4 v.
- MORAES, R. N. de; LIMA, A. F. de. Variação do artigo definido diante de nome próprio nas capitais do norte e nordeste do Brasil. In: LIMA, A. F. de; RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de (Orgs.). *Estudos geossociolinguísticos*. Campinas: Pontes, 2021. V. 3, p. 157-185.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PINTO, F. M. *Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto [...]*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1614. Disponível em: <http://data.onb.ac.at/rep/104A70DB>. Acesso em: 09 set. 2024.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics – University of Toronto, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 09 set. 2024.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

Anexo

Antropônimos na *Peregrinação*

I. Com tradição consolidada:

- a) Figuras bíblicas: *Adão, Daniel, Deos, Eua, Iesu Christo, Dauid, Habacuc, Lazaro, Lucifer, Maria, Nossa Senhora, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Neues, Nossa Senhora de Nazaré, Satanas*;
- b) Nomes de santos¹⁶: *Santa Caterina, Santa Luzia, Santiago, São Bertolameu, São Domingos de Lisboa, S. Ioaõ, São Lazaro, São - São Miguel, S. - São Tomé, S. - São Paulo*;

¹⁶ Não se considerou como antropônimo o uso de *São Bertolameu* para nomear diretamente um dia do ano e de *São Domingos* para nomear diretamente ordem religiosa. Os casos de *Santa*

- c) Figuras históricas: *Alexandre, Annibal, Ilena, Iulio Cesar, Pompeyo, Ptolomeu, Sabaa, Salamão, Scipião*;
- d) Identificados por alcunha: *Galego, Gallo, Palha, Rates, Rosado, Sardinha*;
- e) Identificados pelo sobrenome: *Albuquerque, Fonsecas, Madureyras, Magalhaës, Zeimoto*;
- f) Identificados pelos seguintes prenomes:

f.1) Recorrentes (isolados ou combinados):

- (1) *Affonso ~ Afonso: Affonso Gentil, Afonso Caluo, Afonso d'Albuquerque, Afonso de Noronha*;
- (2) *Aluaro: Aluaro de Faria, Aluaro de Noronha, Aluaro de Tayde*;
- (3) *Andre: Andre Borges, Andre Toscano*;
- (4) *Anrique: Anrique Barbosa, Anrique de Meneses, Anrique D'eça de Cananor*;
- (5) *Antonio: Antonio Anriquez, Antonio Borges, Antonio da Sylueira, Antonio de Faria de Sousa, Antonio de Noronha, Antonio Ferreyra, Antonio Garcia, Antonio Gomez*;
- (6) *Baltesar ~ Baltezar: Baltesar Ribeiro, Baltezar Soarez*;
- (7) *Bastião: Bastião Anriquez*;
- (8) *Belchior: Belchior Barbosa, Belchior de Siqueyra*;
- (9) *Christouão: Christouão Borralho, Christouão da Gama, Christouão Doria, Christouão Sardinha, Christouão Sarmento*;
- (10) *Cosme ~ Cosmo: Cosme de Torres, Cosmo Bernaldez, Cosmo Rodriguez*;
- (11) *Diogo: Diogo Cabral, Diogo Caluo, Diogo Lobato, Diogo Lopez de Lima, Diogo Lopez de Siqueyra, Diogo Meyrelez, Diogo Pereyra, Diogo Reinel, Diogo Soarez, Diogo Soarez D'albergaria, Diogo Vaz Coutinho, Diogo Zeimoto*;
- (12) *Duarte: Duarte Barreto, Duarte Coelho, Duarte da Gama, Duarte Tristaõ*;
- (13) *Esteuão: Esteuão da Gama, Esteuão Nogueyra*;
- (14) *Fernão: Fernão Caldeyra, Fernão de Morais, Fernão Gil Porcalho, Fernão Mendez Pinto, Fernão Perez D'andrada ~ D'andrade, Fernão Rodriguez de Castelbráco*;
- (15) *Frâncisco ~ Francisco: Frâncisco Borges Cayeiro, Frâncisco Chenchicogim, Frâncisco ~ Francisco de Crasto, Frâncisco de Sá ~ Saa, Frâncisco ~ Francisco Deeça, Frâncisco Temudo, Frâncisco Xauier, Francisco Barreto, Francisco d'Almeida ~ D'almeida ~ de Almeida, Francisco de Caminha, Francisco de Faria, Francisco Martinz, Francisco Mascarenhas, Francisco Toscano, Francisco Xauier*;

Maria foram classificados como nome bíblico acompanhado de adjetivo.

- (16) *Garcia*: *Garcia de Noronha*, *Garcia de Saa*;
- (17) *Gaspar*: *Gaspar Barbosa*, *Gaspar D'oliueyra*, *Gaspar de Meirelez*, *Gaspar de Mello*, *Gaspar Iorge*;
- (18) *Góçallo* ~ *Gonçallo* ~ *Gonçalo*: *Góçallo Pacheco*, *Gonçallo Coutinho*, *Gonçallo falcaõ*, *Gonçallo* ~ *Gonçalo Pacheco*, *Gonçallo Vaz Coutinho*, *Gonçalo Coutinho*, *Gonçalo D'araujo*, *Gonçalo Falcão*, *Gonçalo Neto*, *Gonçalo Vaz*;
- (19) *Ieronymo*: *Ieronymo de Figueiredo*, *Ieronymo do Rego*, *Ieronymo Gomez Sarmento*;
- (20) *Ioaõ* ~ *Ioão*: *Ioaõ Aluarez de Magalhaẽs*, *Ioaõ* ~ *Ioão Cayeyro*, *Ioaõ* ~ *Ioão de Castro*, *Ioaõ* ~ *Ioão de Oliueyra*, *Ioaõ de Sepulueda de Euora*, *Ioaõ de Sousa*, *Ioão de Tauora*, *Ioaõ Fernandez*, *Ioaõ Fernâdez D'abreu*, *Ioão Fernandez D'abreu*, *Ioão Mascarenhas*, *Ioaõ Nunez*, *Ioaõ Rodriguez*, *Ioão Rodriguez Brauo*, *Ioaõ Soarez*;
- (21) *Iorge* ~ *Jorge*: *Iorge Aluarez*, *Iorge D'eça*, *Iorge de Albuquerque*, *Iorge de Castro*, *Iorge de Lima*, *Iorge Fernandez Taborda*, *Iorge* ~ *Jorge Mendez*, *Iorge Nogueyra*;
- (22) *Lançarote*: *Lançarote Guerreyro*, *Lançarote Pereyra*;
- (23) *Lopo*: *Lopo Chanoca*, *Lopo de Loronha*, *Lopo Sardinha*, *Lopo Soarez*, *Lopo Vaz de Sampayo*, *Lopo Vaz Vogado*;
- (24) *Lourenço*: *Lourenço de Goes*;
- (25) *Luis* ~ *Luys*: *Luis D'almeida*, *Luis de Montarroyo* ~ *Môtarroyo*, *Luys da Sylueira*, *Luys de Pauia*, *Luys Taborda*;
- (26) *Manoel*: *Manoel de Macedo*, *Manoel de Meneses*, *Manoel de Sousa de Sepulueda*, *Manoel Godinho*;
- (27) *Martim*: *Martim de Freitas*, *Martim Esteuez*;
- (28) *Mateus*: *Mateus de Brito*, *Mateus Escandel*;
- (29) *Nuno*: *Nuno Coelho*, *Nuno da Cunha*, *Nuno Delgado*, *Nuno Fernandez*, *Nuno Fernâdez* ~ *Fernandez Teixeira*, *Nuno Manoel*, *Nuno Preto*, *Nuno Rodriguez Taborda*;
- (30) *Paulo*: *Paulo Andrès*, *Paulo de santa fé* ~ *Fè* ~ *Fee*, *Paulo de Seixas*;
- (31) *Pedro*: *Pedro da Sylua*, *Pedro de Castelbranco*, *Pedro Mascarenhas*;
- (32) *Pero*: *Pero Borges*, *Pero D'alcaçoua*, *Pero da Sylua*, *Pero da Sylua de Sousa*, *Pero de Bruges*, *Pero de Faria*, *Pero Fernandez*, *Pero Ferreyra*, *Pero Gomez D'almeyda*, *Pero Lopez de Sousa*, *Pero Mascarenhas*, *Pero Velho*;
- (33) *Ruy*: *Ruy de Moura*, *Ruy Diaz Pereyra*, *Ruy Lobo*, *Ruy Lopez de Vilhalobos*, *Ruy Vaz Pereyra Marramaque*;
- (34) *Simão*: *Simão de Brito*, *Simão de Mello*, *Simão Galego*, *Simão Guedez*;

- (35) *Tome ~ Tomé ~ Tomè ~ Tomê: Tome ~ Tomé ~ Tomè ~ Tomê Lobo, Tomè Modeliar, Tome Mostâgue, Tomé ~ Tomè Pirez;*
- (36) *Vasco: Vasco Caluo, Vasco da Gama, Vasco Martins, Vasco Martins de Seixas, Vasco Sermento; e*
- (37) *Vicente ~ Vicête: Vicente Morosa, Vicente Pegado, Vicête Morosa.*

f.2) Em ocorrência única (isolados ou combinados): *Aires Botelho de Sousa, Alonso Perez Pantoja, Bento Castanho, Bertolameu de Matos, Britiz, Caterina, Constantino, Domingos de Seixas, Eitor da Sylueira, Fernando de Lima, Gamboa, Giaô Diaz, Guilhelme Pereyra, Inez de Leiria, Lionis Pereyra, Matalote do Brigas, Mem Taborda, Miguel Ferreyra, Morado Arraiz, Siluestre Godinho, Tristaô ~ Tristão de Gaa ~ Degaa, Valentim Martins Dalpoem, Violante.*

II. Sem tradição consolidada:

Abrão Muça, Acẽ ~ Acem, Acedecão, Adaa, Adocaa, Aixequendoo ~ Aixquẽdoo, Alaradim, Ale, Alibomcar, Amida, Anchesiny, andono, Angeessiry, Angemacur, Angiroo, Apancapatur, Aquarem Dabolay, Arichandono ~ Axirandono, Asquerão teixe, Auemlachim, Bacharom, Bandur ~ Baudur, Barnagais, Basoy, Bazagom, Bigay potim, Bijayaa sora ~ Biyayaa Soora, Bonquinadau, Brajaa, Brazagaraô ~ Brazagarão, Bresagucão, brum, Camisama, Çamorim, Campanogrem ~ Quampanogrem, Canatoo, Canô ~ Canom, Çapetuu ~ Çapetù de Raja ~ Sepetuu de raja, Caraô ~ Carão, Chalagonim, Chaque, Chaubainhaa, Chaumalacur, Chaumigrê ~ Chaumigrem, Chauseroo, Chauseroo Siammom, Chausiraô Panagor, Chepocheca, Chileu, Ciguamcão, Colompom, Comanilau, Combracalão, Compouitau, Comprimuão, Conchanilau, Coumidau, Coutalanhamemydoo, Crisna pacau, Crisnagol (dacotay), Cubucamá ~ Cubumcamaa, Cutiale Marcaa, Dambambuu, Dato, Diosoray ~ Dirossaray, doo, Facharandono ~ Faxyandono, Fanarel, Figrau ~ Frigau, Fingeandono ~ Fingẽdono ~ Fingeindono, Fucarâdono ~ Fucarandono, Gamuu, Geinal, Gibraidãosedaa, Gibray, Gileu mitray, Gizom, Godomem, Goxiley aparau, gritau, Groge Aarum, Guangiparau, Guarem, Guatur, Guaxitau facalem, Guijay Paraô, Guimião, Hametecão, Heredim Mafamede, Heredim Sofo, Hidalcão, Hinarel, Hinimilau, Hiticou, Hocombinor, Hujão, Hyascarão goxo, Iarem, Inezamaluco, Iumbileyta, Iurubaca, Lacasaa, Laque Xemena, Leixigau, Leuquinau, Licorpinau, Mâbogoaa ~ Mambogoaa, Mamedecão, Manica mouchaô, Manica votau, Manicamandarim, Meica ~ Meyca vidau, Meicamur, Miroocem, Mitaquer, Mitruu, Mompocasser ~ Môpocasser, Moncamicau, Mongibray dacosem, Monuagaruu ~ Môuagaruu, Muão ~ Muhaô, Muchiparom, Muhelee, Nacapirau, Nacau, Nadelgau, nafama, Nancaa, Naudelum, Nautaquim ~ Nautoquim, Nay, Necodà, Necodà Mamude, Necodà Xicaulem, Necodaa Soolor, Niuâdel ~ Niuandel, Niuolau, (Nobi ~ Noby)¹⁷ Mafamede ~ Mafoma, Oregemdo, Oretanau Chaumigrem, Oretandono, Osquim dono, Otinão cor Valirate,

¹⁷ A forma Nobi ~ Noby certamente se vincula ao árabe نبی (translit. nabi: “profeta”), o que faria dela um indicador de função social e não um antropônimo, mas ocorrências como “o Profeta Noby” (f. 65ra39-40) na Peregrinação indicam que o autor a considerava como nome próprio e não como nome comum, como se fosse um prenome (cf. “ao Profeta Noby Mafamede”, f. 6vb23-24).

Oxiuagão, Pacão, Paguarol, Pambacal hujo, Panaricão, Pandor, Panjão, Panousaray, Paquir, Passilau Vacão, Patedacão, Patemarcaa, Patureu, Pequim, Pilau Angiroo, Pimpocau, Pinachilau, Pinamonteo, Pitau Dicalor, Pocasser, Pombaya, Pomuedee ~ Ponuedee, Pontimaqueu, Poomindono, Prematà Gundel, Pretiem, Quagifau, Quem, Quendou, Rajahitau, Raudiuua, Robão, Rumecaõ, Saleu, Samipocheca, Saquay giraõ, Seribiyayaa pracamaa de raja ~ Siribi Iaya quendou pracamaa de raja, Sidayo, Silau, Similau, Siribicão, Situmpor micay, Sofio, Soleimão ~ Soleymão, Soleymão Dragut, Taborlão, Tagaril, Taijão, Talanhangibray, Taraõ, Teixe andono, Tibremvucão, Tiguarem, Tileubacùs, Tileymay, Tinagoogoo, Tiquaxy, Trannocem Mudeliar, Trimila Raja, Tuão Xerrafaõ, Turcamparoo, Vagarù, Vanganarau ~ Vanguenarau, Varatel, Vcunchenirat ~ Vquumcheniraa, Vuemmiserau, Vzanguenaboo, Xaca, Xatamaas, Xeri [Xemin]doo, Xinaraau, Xingatalor, Xixipaõ, Xixipitau Xalicão, Xixiuarom meleutay, Xoripamsay, Yacataa andono e Yaretandono.